

AS COLEÇÕES COMO PATRIMÔNIO: UM MEIO PARA A PRESERVAÇÃO DA HISTÓRIA E DA MEMÓRIA

COLLECTIONS AS HERITAGE: A MEANS FOR PRESERVING HISTORY AND MEMORY

Gabriela Bazan Pedrão – gabriela.bzp@gmail.com

Maria Leandra Bizello - mleandra23@gmail.com

Resumo: O presente artigo busca tratar das coleções como um patrimônio, mostrando como essas junções de objetos constituem a história e a memória da sociedade em que se inserem. O artigo também faz um pequeno histórico das coleções, como e onde elas surgiram e como elas se mantiveram até os dias atuais, que apesar de não terem a mesma força, continuam sendo importantes para a preservação e a recuperação da história.

Palavras-Chave: História. Memória. Patrimônio. Coleção. Coleccionismo.

Abstract: This article aims to show how it is possible to think of collections as heritage, showing how groups of objects can represent the history and memory of the society in which they belong. The article also makes a brief history of the collections, from which emerged and its spread to the present day, where despite not having the same strength, it remains important for the preservation and recovery of the story.

Keywords: History. Memory. Heritage. Collections.

1 INTRODUÇÃO

As coleções são compostas por objetos que têm um valor representativo, estético, fora de seu propósito original e que representam uma ideia ou sentimento. Seu objetivo é criar uma memória e uma identidade, para o indivíduo que a produz, sendo em muitos casos uma tentativa de perpetuação do eu. O colecionador coleciona porque sabe que um dia não estará mais presente no mundo, mas sua coleção sim. Assim é possível viver e contar sua própria história através desses objetos guardados. Cada peça dentro da coleção pode ter perdido seu valor monetário ou utilitário, mas foi acrescida de um valor sentimental e pessoal que apenas o dono da coleção pode lhe dar, valores que representam memórias, momentos específicos da vida, lembranças de determinadas fases ou viagens, por exemplo. Pomian (1984 p. 55), afirma que:

Não é difícil de encontrar. Conjuntos de objectos naturais ou artificiais, mantidos temporária ou definitivamente fora do circuito das actividades económicas, submetidos a uma protecção especial e expostos ao olhar, acumulam-se com efeito nas tumbas, nos palácios dos reis e nas residências de particulares.

Realmente, as coleções não são difíceis de encontrar. Se olharmos ao nosso redor encontraremos muitos colecionadores e dos mais diversos tipos, de selos a bonecas. Segundo Oliveira (2005, p. 112), temos a tendência de entender as coleções como objetos que pertencem à mesma natureza, mas que certamente eles foram reunidos porque mantém alguma relação entre si. Essa relação pode ou não ser entendida ou percebida pelas demais pessoas além do colecionador, mas isso não é importante para ele. A coleção é algo pessoal, individual. Oliveira (2005, p. 114) confirma isso dizendo que esses objetos surgem como efeitos dos acontecimentos, fazendo com que a densidade do tempo seja carregada de memória afetiva.

No futuro a coleção até pode vir a ser parte de uma exposição, saindo do meio pessoal para o público, tanto por valores artísticos, de raridade e até de utilidade (quando falamos de bibliotecas, por exemplo), mas seu início é sempre no meio pessoal e individual. Um colecionador dificilmente visa tornar sua coleção algo público, pelo menos não em vida. A coleção é quase sempre retrato de um gosto particular por temáticas determinadas, épocas, países, personalidades e até produções culturais como filmes e livros. Pode também ser a vontade de acumular materiais diversos que representem passagens importantes da vida daquela pessoa. Independente do motivo, todas essas formas de junção acabam retratando algo relacionado a uma época sob um ponto de vista diferenciado. É um recorte inusitado e que pode trazer discussões e reflexões diferentes sobre um momento compartilhado por várias pessoas.

Essa memória que permeia a coleção pode não ser somente afetiva, pode se tratar de uma memória histórica e cultural, não se limitando apenas ao colecionador. Ela pode se estender a uma população local ou até maior dependendo das proporções da coleção e de quanto ela é divulgada. Ela pode fazer parte de um momento histórico de grande importância como guerras, ditaduras ou grandes crises, momentos em que as pessoas guardaram lembranças, objetos, correspondências e etc. para contar ao futuro o que aconteceu ali.

Dessa forma podemos dizer, ainda tendo como base Oliveira (2005, p. 117), que a coleção é um conjunto de registros, seja de lugares passados, momentos ou pessoas que constituem a história do colecionador, levando em conta que esses objetos são também carregados de história. Artières (1998, p. 9) diz que existem poucos acontecimentos que vivemos e que não deixam sequer um vestígio. Esse vestígio pode ser escrito, pode ser um objeto, uma fotografia ou o mais inesperado dos materiais, mas de alguma forma ele marca e representa aquela determinada passagem da vida. Assim, os objetos são selecionados como uma resposta às afecções que o colecionador possa ter tido durante o encontro de ambos, levando em conta a história que os compõe. É assim que o colecionismo se instaura.

Segundo Meneses (1998, p. 90) a durabilidade dos objetos colecionados, por ultrapassar a vida de seus produtores e mantenedores, já os tornam aptos a expressar o passado de uma forma muito convincente. Eles contam a história daquele dono e seus gostos e são na maioria das vezes, produto de um desejo de superar a morte, deixando algo de si para o mundo. O autor ainda afirma que esses objetos também servem como veículos de qualificação social, mas que isso não altera sua verdadeira forma. Os objetos não mentem, sua integridade física é sua verdade objetiva, o que pode ser falso são os discursos que são atribuídos a ele.

Assim Meneses (1998, p. 93) afirma que a biografia dos objetos se mistura com a biografia das pessoas e carrega consigo um valor cultural. Esses objetos podem ser feios ou inúteis, mas são em muitos casos instituídos de glória e fama apenas pelo fato de terem pertencido a alguém ou terem figurado em acontecimentos históricos. Dessa forma eles passam a ter uma importante associação sentimental com um grupo ou comunidade. Por exemplo, uma caneta passa a fazer parte da história caso ela seja usada para assinar uma lei, um tratado ou um acordo importante que possa mudar a vida de uma comunidade.

Para Anciães (2005, p. 133) colecionar leva em conta diversos valores, que podem ou não ter ordem de prioridade. Ele define os valores do colecionismo da seguinte forma: valor artístico, que são as peças com atrativos principalmente estéticos; valor de raridade, que são as peças mais antigas e difíceis de encontrar (esse valor se acresce se a peça se mantém operacional e documentada); valor de autoria, que são peças de autores conhecidos e consagrados (esse valor pode ser acrescido se o autor for de âmbito local, regional ou nacional); valor de coleção e de contexto (esse valor pode estar na peça enquanto ela pertença a uma determinada

coleção e sua relação de memória com outras peças); e por fim, valor de identidade, que pode estar na imagem ou identidade que determinada peça pode ter entre o público que a usufrui (são peças que se relacionam com a preservação de técnicas, memórias, públicos ou comunidades). Uma coleção composta por peças com esses valores pode futuramente ser um patrimônio do estado ou até do país em que ela se encontra.

2 AS COLEÇÕES

Mas de onde vem esse hábito, afinal? Bloom (2003) dedicou toda sua obra “Ter e manter” para explicar as raízes do colecionismo. Vemos então que o ato de colecionar vem sendo mantido pelas pessoas desde o século XVI. Claro que com o passar do tempo o hábito evoluiu e diversas mudanças no ato de colecionar ocorreram, mas o fascínio pelos objetos, seja qual for, continua o mesmo.

As coleções ganharam espaço a partir do século XVI, na Europa, quando eram costume apenas de príncipes e da alta sociedade da época. Ter uma coleção era *status* de poder e riqueza. Nessa época era possível notar o gosto pelo diferente, desconhecido e curioso dos príncipes e alta sociedade que colecionavam riquezas. As coleções caíram no gosto de acadêmicos, cientistas e estudiosos, dando uma nova visão à atividade. Colecionar significava também ter conhecimento e, cada vez mais com a evolução da prática, as coleções buscavam mostrar o mundo da forma mais real possível (BLOOM, 2003).

Ainda no século XVI é possível perceber o primeiro surto de disseminação do colecionismo. Com o comércio em crescimento as coleções também se expandiram, iniciando a prática também entre pessoas com menos estudo e de menor poder aquisitivo. Ainda com a expansão comercial tem início outra prática dentro do colecionismo: capitães de navios recebiam instruções de mercadores e colecionadores para comprarem tudo que achassem “exótico e maravilhoso... tudo que julgassem digno de ser levado.” (BLOOM, 2003, p. 39).

Surgem assim os primeiros comerciantes especializados em artigos exóticos e o que se iniciou como uma prática restrita a corte, vira então uma mania burguesa. Ainda no estouro do colecionismo vemos também as primeiras aparições das monografias e enciclopédias que começaram sendo baseadas em peças de coleções. Esses livros discriminavam e explicavam cada peça que compunha o

grupo de objetos, dando assim origem às primeiras enciclopédias com explicações, gravuras e nomenclaturas.

Nesse momento, surgem as coleções que compunham os “armários dos milagres”, num misto de indagação científica, busca da verdade, alquimismo e misticismo. As coleções místicas buscavam descobrir uma verdade universal através de peças exóticas e bizarras, a feiura, a deformação e as doenças passaram a gerar curiosidade em um misto de estudo e descoberta. Bloom relata em seu livro como seria a coleção ideal naquela época:

[...] se aproximava do ideal de armário de artes e milagres, combinando beleza e estranheza, forma clássica e excesso desenfreado, erudição e pura curiosidade. Era um repositório de tudo que existe de bizarro e exótico (os tubarões e os crocodilos, a cabeça deformada), tudo o que existe de venerável (os vasos e camafeus), e de grandes e secretos conhecimentos (o livro guardado debaixo do “templo” central). (BLOOM, 2003 p. 55).

Assim, conforme a evolução do hábito, as peças dentro da coleção também evoluíram conforme as pessoas foram aderindo ao colecionismo. As coleções foram mudando de sentido e de composição, os objetos exóticos, como chifres de unicórnio, já não chamam mais atenção e as peças que antes tinham um status de milagrosas perdem espaço para peças que se tornam meramente decorativas (BLOOM, 2003, p. 55). Assim, vemos a primeira evolução no conteúdo das coleções. Bloom diz em seu livro:

Os gabinetes dos séculos XVII ao século XVIII tinham sido cheios de objetos e criaturas extraordinárias, fora da ordem das coisas. O objetivo final desse projeto tinha sido fazer perguntas e ampliar o tipo de conhecimento do mundo existente no Ocidente; dragões e sereias, tatus e baiacus, cocares indígenas e sapatos esquimós, tudo apontava para um mundo maior do que o conhecido, para uma realidade muito além do que se julgava possível. (BLOOM, 2003 p. 109).

O que antes era visto apenas como materiais de alto valor, pedrarias, porcelanas e jóias, agora evolui para outro tipo de coleção: plantas, árvores desconhecidas e flores exóticas. A alta realeza e sociedade agora ostentam coleções em forma de grandes jardins e estufas. Jardineiros eram contratados para viajar até países do Oriente para trazer plantas nunca vistas, animais diferentes e flores coloridas.

Enquanto isso, os estudiosos também modificaram suas coleções. Médicos, principalmente, passam a estudar anatomia em corpos dissecados e técnicas de dissecação em corpos, formando assim uma coleção de múmias. Bloom (2003) diz

que o ato de colecionar animais ou até mesmo corpos dissecados ou empalhados partia para um impulso à eternidade, à memória e à superação da morte do modo mais cru possível, considerando que os corpos poderiam ser objetos, matéria morta.

Bloom afirma que:

A emergente abordagem científica da natureza virou essa abordagem de pernas para o ar. O objetivo agora era colocar tudo numa ordem de coisas, em seu devido lugar dentro de um grande sistema, capaz, pelo menos potencialmente, de absorver tudo que existia na terra e nos céus. A natureza se submetia à classificação definitiva e até o último besouro e o último musgo encontrariam seu lugar nas páginas de Lineu, apareceriam de alguma forma num dos muitos termos de Buffon. A mente científica finalmente estava equipada para dominar a ordem das coisas; de fato, de acordo com escritores revolucionários, foi a mente científica que estabeleceu essa ordem e a impôs ao universo. (BLOOM, 2003, p. 110).

Ainda com os estudos de corpos, outra vertente do colecionismo apareceu: diferentes formas de mumificações, nos quais os corpos tinham as peles retiradas eram colocados em armações de madeira para fazer parte de coleções, que eram parte gabinete de curiosidades, parte fantasia. Bloom diz que, “Há muitos monumentos á nossa mortalidade, todos preservando a morte no que ela pode ter de mais parecido com a vida.” (BLOOM, 2003, p. 127).

Assim, a época de ouro desse tipo de coleção foi o fim do século XVIII e o século XIX, quando ainda havia poucas maneiras de tratar doenças terríveis. A medicina se libertava das doutrinas de 1500 anos antes e a cirurgia estava sendo vista como disciplina que não poderia ser entregue a charlatões, barbeiros e açougueiros. Assim, as doenças desconhecidas e terríveis ficam todas ali, recriadas em cera e pintadas de acordo com a original e parecendo absolutamente vivas.

Ainda no colecionismo de corpos como objeto vemos os corpos de falecidas personalidades serem disputados para serem feitas mumificações, tirados moldes de bustos, ossos, pedaços de cabelo, corpo, tecidos e órgãos considerados milagrosos, o que aconteceu com corpos como de Napoleão e São Luís. Assim, igrejas, museus e outras instituições trocavam peças com conteúdo religioso ou de personalidades políticas e poderosas umas entre outras.

Para Bloom (2003) esses objetos são testemunhas mudas do passado que trazem em si a proximidade ao longo dos anos. A venda, troca, e aparição de objetos sagrados como partes de corpos de santos, cabelos, roupas e ossos cresceu de tal forma que o Papa Clemente VII disse que somente o próprio Jesus Cristo

saberia se os artigos vendidos em seu nome seriam ou não genuínos. Bloom diz que:

Sendo assim, formam uma ponte entre nosso mundo limitado e outro, infinitamente mais rico, da história, da arte, do carisma, do sagrado – um mundo de suprema autenticidade e portanto uma utopia profundamente romântica.” (BLOOM, 2003, p. 177).

Dessa forma, as coleções foram evoluindo e depois da disseminação para as mais variadas classes não pararam mais. Vemos até as coleções que são imaginárias e conhecidas como Teatros da Memória, que são tão importantes quanto as coleções reais, pois as duas tem em comum suas memórias contidas em objetos, construindo fortalezas da lembrança e permanência.

Bloom (2003) ainda fala em seu livro sobre os tempos atuais da produção em massa e suas influências no colecionismo, pois mesmo com a abundância de objetos que temos hoje, sabemos que esse número é finito. Assim, a coleção continua sendo uma atividade sempre em aberto, sempre haverá outras peças, outros exemplares. Mesmo com um número grandioso de bonecas existentes, apenas um número ‘x’ foi produzido no ano de 2010. Bloom (2003, p. 61) diz que:

O ato de colecionar como projeto filosófico, como tentativa de dar sentido à multiplicidade e ao caos do mundo, e talvez até descobrir seu significado oculto, também sobreviveu até nossa época. [...] Um colecionador de discos buscando a essência do gênio em centenas de gravações do mesmo concerto, ou do mesmo artista, dá continuidade a essa tradição, da mesma forma que alguém que tente captar própria beleza em tudo que é “rico e estranho”.

Vemos então que colecionar artigos antigos e relíquias ainda é uma atividade viva nos tempos da cultura pop e indústria de consumo. Vemos figuras famosas como Elvis, Princesa Diana e Michael Jackson serem colecionados como verdadeiros deuses, ultrapassando a fronteira que separa os meros mortais dos santos mundanos.

Os objetos resultantes das produções em massa são a face mais vista do ato de colecionar atualmente. As cerâmicas, álbuns de fotos e figuras, passagens de ônibus, trens e espetáculos, são todos pequenos santuários de diferentes passados, fugas do presente e pequenas afirmações de individualidade, saudade e esperança. Segundo Bloom:

Salvar o mundo, ou um mundo, preservar a história ou o gênio, a santidade ou a inocência, tocar em algo além da nossa fortuita existência é um trabalho de amor, um constante ritual, é uma face do desejo de ser autêntico, de ser humano. (BLOOM, 2003, p. 201).

De certo modo, os objetos colecionados têm um valor que somente o próprio

coleccionador é capaz de compreender, cujo conhecimento e entendimento são compartilhados por poucos, são “exemplos de”, com ligação a outros lugares da história e da beleza. Esses objetos até podem perder seu valor monetário ou utilitário, mas adquirem outros, estão preenchidos com significados e qualidades de representação que vão além de sua antiga situação original.

3 AS COLEÇÕES COMO PATRIMÔNIO

Como já dito anteriormente, as coleções são uma junção de memórias e lembranças traduzidas por objetos diversos escolhidos e organizados pelo colecionador. Mas as coleções podem vir a ser um patrimônio também, a partir do momento que contam uma determinada história de determinado lugar ou pessoa, elas passam a ter valor não apenas para o colecionador, mas também para a sociedade em que se insere.

O patrimônio nada mais é que um bem que recebemos do passado. Através desse bem (que pode ser uma escultura, um prédio, um livro, etc.) aprendemos a história de sua época e sua importância, e convivemos com ele no presente preservando-o para que o mesmo aconteça no futuro. Para que aquela história, aquelas ideias e aqueles sentimentos sejam sentidos pelas próximas gerações. Para que seja possível estudar o que do passado ainda se reflete em nossas vidas, manter costumes e tradições vivas.

Vemos na história diversas coleções que foram mantidas, guardadas e cuidadas ao longo do tempo, reis, príncipes, escritores, presidentes e uma série de personalidades que deixaram seu nome na história e a história de seu tempo contada nos mais diversos objetos. Jaques Le Goff em seu livro “História e Memória” (2003, p. 525) comenta que:

Hoje o *método* seguido pelos historiadores sofreu uma mudança. Já não se trata de fazer uma seleção de monumentos, mas sim de considerar os documentos como monumentos, ou seja, colocá-los em série e tratá-los de modo quantitativo; e, para além disso inseri-los nos conjuntos formados por outros monumentos: os vestígios da *cultura material*, os objetos de *coleção* (cf, pesos e medidas, moeda), os tipos de *habitação*, a *paisagem*, os fósseis (cf. *fóssil*) [...].

Vemos então que as coleções podem ir além do patrimônio e chegar ao *status* de monumento de acordo com seu valor documental. As coleções se tornaram um importante objeto de estudo, pois retratam costumes, curiosidades e

atribuição de valores como beleza, peculiaridade, raridade e até feiura. Le Goff confirma essa importância novamente em seu livro dizendo:

O termo “monumentos” será ainda correntemente usado no século XIX para as grandes coleções de documentos. O caso mais célebre é o dos *Monumenta Germaniae historica*, publicados a partir de 1826 pela sociedade fundada em 1819 pelo barão Karl Von Stein, para a publicação das fontes da Idade Média alemã. (LE GOFF, 2003, p. 528).

Dessa forma as coleções estão sempre contribuindo para história seja em objetos, em livros, em mapas ou qualquer outro tipo de material que se mostre documentário, seja prova da história e de valor para sociedade em que se insere.

Para Nora (1993) a memória está ligada a momentos particulares de nossas vidas, momento em que o passado desperta uma memória e nela um sentimento de continuidade e vontade de reviver esses lugares e fatos. O colecionador traduz essa memória melhor do que ninguém em seus objetos e dentro da sua coleção. Talvez esses objetos não estejam ordenados, catalogados e organizados, mas ele sabe dizer perfeitamente o que cada um significa. Passando essa memória adiante, junto de alguém que faça esse trabalho de traduzir a memória e a coleção, abrem-se as portas para que essa coleção perpetue ao longo do tempo, mesmo sem seu dono.

Um exemplo de coleção que contribui como patrimônio no Brasil é a coleção de livros de José Mindlin. Mindlin era advogado e empresário fundador da empresa de peças automotivas “Metal Leve”, bibliófilo famoso e dono de uma coleção de aproximadamente 40 mil livros, dentre esses dez mil raros e dois mil raríssimos. Além da paixão por livros e grande destaque na indústria metalúrgica, Mindlin foi também Secretário da Cultura, Ciência e Tecnologia e membro da Academia Brasileira de Letras (BIBLIOTECA BRASILIANA GUITA E JOSÉ MINDLIN, 2015).

Essa coleção exorbitante foi doada para a Universidade de São Paulo e reúne materiais sobre o Brasil, importantes para a compreensão da cultura e história do país. Foi inaugurada em 2005 recebendo o nome de “Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin” e hoje está aberta ao público, para usufruto, estudo e permanência da memória. Ela abriga atualmente diversos projetos de pesquisa e se concentra principalmente nas áreas de estudos brasileiros; história do livro e da leitura; tecnologia do conhecimento e humanidades digitais; e preservação, conservação e restauração do livro e do papel (BIBLIOTECA BRASILIANA GUITA E JOSÉ MINDLIN, 2015).

Sem dúvidas essa coleção é um patrimônio, seu dono representa uma época e seu conteúdo viaja pelo tempo e permite a quem a consultar uma troca entre o passado e o presente.

Assim como a Biblioteca Brasileira da USP, vemos diversos outros exemplos dessa mistura entre o pessoal que vira público. Os diversos ‘museus-casas’ que temos no Brasil e arquivos pessoais que se tornam públicos são os exemplos de espaços que se tornaram coletivos, que abriram as portas para contar a história de uma família, uma biblioteca, uma personalidade e que caminham junto de nossa história e enriquecem as informações que já são conhecidas com olhares diferenciados.

Um bom exemplo de ‘museu casa’ é a Fundação Casa de Rui Barbosa. Rui Barbosa foi membro da corte legislativa imperial, jornalista e candidato à presidência da república por duas vezes. Foi um importante estudioso da língua portuguesa e presidiu a Academia Brasileira de Letras (FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA, 2015).

Sua propriedade foi adquirida pelo governo em 1924, seis anos mais tarde em 1930 ela foi aberta ao público como o primeiro museu casa do Brasil. Lá dentro permaneceu o mobiliário da família, a biblioteca e seus arquivos, um grupo de coleções que contam a história de um importante líder político e de uma parte da história do país. Atualmente, além de servir como um patrimônio à nossa história, lá dentro acontecem diversas atividades de pesquisa e conservação, a troca entre o antigo e o atual sempre tendo em mente a permanência e a integração com a comunidade para que esse bem seja visto e utilizado por todos.

Outro famoso exemplo é o Museu Casa de Portinari, artista plástico brasileiro famoso por sua arte que misturava características surrealistas e cubistas. O museu está situado em Brodowski e nele é possível, além de visitar obras de Portinari pintadas pela casa, visitar também a coleção de objetos pessoais e familiares do artista (MUSEU CASA DE PORTINARI, 2013). Uma junção de objetos que saiu do pessoal daquela família para contar uma história maior, a história do artista, de sua vida, infância e após tudo isso suas influências na cultura do país. Esses objetos também contam a história de uma realidade familiar, costumes, hábitos que eram comuns naquela época e talvez hoje não estejam mais em voga.

Por último cito o complexo de museus do Vaticano. Um conjunto de instituições que abrigam coleções que vários pontífices acumularam durante os

anos. Há exposições de coleções de relíquias como vestuários, objetos utilizados nos ofícios religiosos, mobiliário, uma sala de mapas e até uma galeria de candelabros. Diversas subdivisões organizadas com coleções de antiguidades acumuladas com o tempo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As coleções estão em todos os lugares e, obviamente, nem todas têm a capacidade de se tornar um patrimônio. Mas em alguns casos, elas ganham merecido destaque, seja pelo seu conteúdo raro, por retratar fielmente uma época e uma personalidade, como o museu casa de Rui Barbosa e sua coleção, ou ainda por continuar possibilitando o seu uso mesmo após a morte de seu dono, como acontece na Biblioteca Brasileira de José Mindlin.

A coleção é um ponto de equilíbrio e a junção das duas características mais importantes para um patrimônio vir a ser: a história e a memória. Com a coleção vemos a junção perfeita da história, retratada pelos seus objetos e peças, que se encaixam em determinado período histórico (mesmo que não seja o que o colecionador vive) e a memória que é trazida pelo colecionador que escolhe suas peças com base em memórias. Essas memórias podem ser pessoais, relacionadas a alguma parte da história geral que ele se identifique, de sua família, ou simplesmente memórias de algo que seja ligado ao seu gosto pessoal, enchendo esses objetos de significados.

Através dessas peças, livros, utilitários e dezenas de outros objetos, torna-se possível pensar sobre determinada época, estudar seus costumes e tradições e trazer para o presente essas vivências. Esses objetos se transformados em patrimônios possibilitam que outras gerações possam conhecer, mesmo que pouco, algo vivido por quem formou aquela coleção. Um exemplo dessa troca seria colocar crianças, acostumadas com a era digital que vivemos atualmente, em contato com coleções de brinquedos de um século atrás, fazendo com que elas conheçam um pouco de um mundo sem aparatos digitais. É uma troca entre passado e presente que pode levar a essas crianças a criatividade de trazer algum desses brinquedos para o presente de maneira diferenciada e adaptada à realidade atual.

Assim é possível ver que os patrimônios e os monumentos, como disse Jacques Le Goff, estão e vão muito além da nossa percepção tradicional. Eles estão

nos mais diversos lugares e nas mais diversas formas, possibilitando assim a ampliação da história e da memória.

REFERÊNCIAS

ANCIÃES, Alfredo Ramos. Quando objectos de colecção falam das (tele)comunicações. **Episteme**, Porto Alegre, n. 21, jan./jun. 2005. Suplemento especial.

ARTIÉRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 9-34, 1998.

BIBLIOTECA BRASILIANA GUITA E JOSÉ MINDLIN. **A biblioteca**. Disponível em: <<http://www.bbm.usp.br/node/1>>. Acesso em: 20 maio 2015.

BLOOM, Philipp. **Ter e manter**: uma história íntima de colecionadores e coleções. Rio de Janeiro: Record, 2003.

FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. **Rui Barbosa**. Disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/interna.php?ID_S=14>. Acesso em: 12 maio 2015.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5. ed, Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 89-103, 1998.

MUSEU CASA DE PORTINARI. **Ambientes do museu**. São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://museucasadeportinari.org.br/o-museu/ambientes-do-museu>>. Acesso em: 12 maio 2015.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, v. 10, p. 7-28, dez. 1993.

OLIVEIRA, Andréia Machado; SIEGMANN, Christiane; COELHO, Débora. As coleções como duração: o colecionador coleciona o quê? **Episteme**, Porto Alegre, n. 20, jan./jun. 2005.

POMIAN, Krzysztof. Colecção. In: _____. **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1984. p. 51-86.